

Simon e Ibsen Pinheiro convidam Paim

Wallace Nunes
 de São Paulo

Já prevendo sua expulsão do PT, por conta de sua posição em relação a alguns pontos da reforma da Previdência, o senador Paulo Paim (RS) disse em entrevista a este jornal que muitos líderes de partidos "estão sendo solidários e generosos com minha pessoa" e fazem convites, caso deixe a legenda na qual está a 20 anos. Paim, que é vice-presidente do Senado, confirmou que a solidariedade de alguns dirigentes de outras legendas traduz-se em "convites".

"O que posso dizer: o presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, me fez um convite, caso deixe o PT; líderes do PSB ofereceram a legenda como abrigo; o senador Sérgio Zambiasi (PTB- RS) também me deu apoio, e hoje (ontem) conversei com senador Pedro Simon (PMDB- RS) e o Ibsen Pinheiro (secretário de Comunicação do governador gaúcho Germano Rigotto). Com os pemedebistas admito que conversamos sobre tudo, inclusive sobre mudança de partido."

Informado sobre a conversa dos senadores gaúchos, Renan

Calheiros, líder do PMDB, disse acreditar que "Paim não deixará o PT, mas caso aceite o convite de Simon, será muito bem recebido".

Reforma da Previdência

O vice-presidente do Senado ressaltou, por outro lado, que a posição do governo federal de não negociar a reforma da Previdência pode ter um custo muito alto. Para Paim, é muito fácil agendar a votação para a próxima semana, mas o difícil é ter votos suficientes para aprová-la. "Tenho conhecimento de que seis ou sete senadores também não estão de acordo com o governo. Eles (o governo) precisarão de 49 votos e vai ser uma batalha árdua. Por isso reafirmo minha posição de que sem negociação não haverá aprovação", disse o senador gaúcho em tom melancólico.

Nas contas dos aliados do Palácio do Planalto, o governo ainda não tem os 49 votos em plenário para derrubar destaques da oposição à reforma da Previdência. Esses destaques estabelecem o fim da

cobrança da taxa dos servidores inativos e alterações nas regras de transição dos aposentados, no redutor de pensões e na paridade entre os salários do ativo e inativo. Nesses pontos, o governo terá dificuldades em sua própria base, já que precisará ter, no mínimo, 49 votos.

No caso de não contar com os votos dos senadores Paulo Paim, Pápaléo Paes (PMDB-AP), Sérgio Cabral (PMDB-RJ), Heloísa Helena (PT-AL) e Mão Santa (PMDB-PI) a bancada governista teria 47 votos nesses destaques. Ou seja, não teria força suficiente para ganhar no plenário. Os líderes governistas não têm a garantia também dos votos dos senadores do

PMDB como Ramez Tebet (PMDB-MS) e José Maranhão (PMDB-PB) na votação desses destaques.

Durante toda a semana, o líder do PT no Senado, Tião Viana (AC) reconheceu que a votação da reforma da Previdência no plenário do Senado será apertada. "Temos confiança de que vamos aprovar a

reforma e temos votos suficientes para isso", disse. Tião Viana confirmou que o senador Paulo Paim votará a favor do texto principal da reforma "em nome da unidade".

No café da manhã com o ministro da Casa Civil, José Dirceu, Paulo Paim comunicou, conforme relato de Viana, que ainda tentará influenciar a aprovação de alterações que considera importantes, como a exclusão da taxa dos servidores públicos inativos. O líder disse ainda que "existe compromisso tácito e concreto que a oposição não fará obstrução a partir de agora".

Sem segurança de votos favoráveis na própria base e no PMDB para aprovar os pontos polêmicos da reforma da Previdência, o governo acenou com mudanças no texto da reforma tributária, pondo em prática uma operação casada para a votação das duas propostas. A oposição não negocia pontos na Previdência e já decidiu defender suas propostas no voto.

O PMDB não abre mão também da criação do subteto único que seria obtido com a aprovação de um destaque supressivo em plenário no texto aprovada na Câmara. Mas o governo não deseja isso nem os governadores do PSDB e PFL.



Paulo Paim